



Meu primeiro encontro*

Meir Kucinski**

São Paulo, Brasil

Já jogamos todos os jogos e contamos todas as piadas. Bebemos todas as bebidas trazidas do último porto. Uma impaciência nervosa nos tomou, a nós, emigrantes, em relação ao desconhecido.

As horas emocionantes de cruzar o equador, que queríamos capturar como se captura o bilhete na noite de *Hoshana Rabá*¹ – quando o céu se abre, como se sabe, por um momento – passamos dormindo. A música distante da primeira classe não chegou até nós, na terceira. Era a última etapa da longa viagem: finalmente chegamos ao primeiro porto brasileiro: Pernambuco.

Nós, despreocupados – ou supostamente despreocupados – emigrantes, tínhamos o costume de desembarcar em todos os portos para provar as frutas e os vinhos do país. Ainda mais no Brasil, o país do nosso amanhã. E me lembro do *baal koreh* (leitor da Torá), em nossa sinagoga de artesãos, quando ele, pateticamente, anunciou as instruções aos espiões: “É ela gorda ou magra”² – como é a terra? Como são as pessoas?...

* O conto “Meu primeiro encontro” foi publicado em *Nuseh Brazil (Estilo Brasil)*, em Tel Aviv, pela Editora I. L. Peretz, em 1963, páginas 101-206.

** Escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, emigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976.

¹ *Hoshaná Rabá* é o sétimo e último dia da festa de *Sucot*, considerado um dia de grande importância espiritual no judaísmo. De acordo com a tradição, nessa noite, acredita-se que o céu se abre por um instante. Esse conceito está ligado à crença de que *Hoshaná Rabá* é o dia final do Julgamento Divino, quando o destino do ano é finalmente determinado. A ideia de “capturar o bilhete” sugere aproveitar a oportunidade única de conexão espiritual para se tentar obter uma bênção divina. Muitas comunidades têm o costume de permanecer acordadas durante toda a noite de *Hoshana Rabá*, recitando orações e estudando textos sagrados, na esperança de aproveitar ao máximo esse momento (N. T.).

² “Ela é gorda ou magra” refere-se à avaliação da qualidade da terra em relação à sua fertilidade, ou seja, se ela é boa para cultivo (gorda) ou se é estéril e infértil (magra). Essa citação pode ser vista na Bíblia, em Números 13:20, que trata do relato dos doze espiões (e, por isso, o uso do termo nesse texto de Kucinski) enviados por Moisés para explorar a Terra Prometida (Canaã). Eles foram instruídos a investigar as condições da terra, incluindo a fertilidade e a presença de árvores (N. T.).



E descemos do navio.

O porto é uma exposição de macacos e de cobras, um mosaico de frutas e de criaturas, animais e pássaros. Laranjas, grandes como melões (mas por dentro uma palha adocicada); tartarugas e crocodilos liliputianos,³ calangos, víboras e milhares de conchas do mar, varetas, peles secas de animais – tudo misturado, como tinta em uma paleta.

Autoridades importantes, em ternos brancos, ficam imóveis junto aos imponentes edifícios da alfândega. Pela primeira vez, vemos os rostos característicos dos brancos que vivem nos trópicos – com músculos macios de cor cinza, enrugados. Na nossa cidade, o *goy*⁴ da sauna tinha um rosto assim – ele trabalhou vinte anos no vapor...

Descemos ao porto, que está cheio de grupos de pessoas, a maioria negras, vestidas com roupas coloridas e berrantes. O ar nos envolve com calor e vapor. De repente, aparece um jovem, obviamente judeu, e nos pergunta em iídiche se somos da Polônia e se alguém é da cidade de Włocławek.

Todos os emigrantes gritam com alegria:

— Este aqui é de Włocławek!

Uma alegria avassaladora me invadiu... Ainda tinha no coração pedaços da cidade, a tristeza das despedidas e as saudades despertadas durante a viagem, e aqui um encontro tão inesperado: um conterrâneo, da minha cidade! O primeiro judeu que encontro na nova terra, na verdade, a primeira pessoa – um włocławekiano!

Uma alegria nos envolveu como se fôssemos dois irmãos que passaram a vida inteira se procurando e finalmente se encontraram por acaso.

À minha pergunta de como ele veio parar em Pernambuco, ele responde como o mágico de Peretz:

— Venho da África e vou para Paris...

Fico sabendo que ele está descansando nestes lugares da América do Sul. Ele tem passaporte e vistos – para viajar “para onde quiser e em qualquer navio”⁵ – diz ele com

³ Possivelmente, refere-se, a jacarés (N. T.).

⁴ *Goy* significa não judeu, gentio.

⁵ O mágico de I. L. Peretz aparece no conto “*Der Kuntsenmakher*” (O mágico), cuja edição, de 1917, traz ilustrações de Marc Chagall. A história versa sobre um mágico que chega certa vez numa cidadezinha da Volínia, o qual participa do seguinte diálogo:

— De onde vem?

— De Paris.

— Para onde vai?

— Para Londres!



importância. Meu conterrâneo, olhando bem para mim e ainda mais para o pequeno grupo de mulheres emigrantes, moças e jovens esposas que viajavam para seus maridos, exclama:

— Já que encontrei um conterrâneo, viajarei em seu navio, me deleitarei com suas saudações da minha cidade, pela qual morro de saudade. Tive de deixá-la há vinte anos.

Meu conterrâneo corre para seu hotel e despacha sua bagagem para nosso navio. Enquanto isso, alugamos um carro e passeamos pela Cidade Branca, que tem um nome tão difícil: Pernambuco.

Nós olhamos boquiabertos com nossos olhos de cidadezinha: em cada rua, monumentos de pessoas com nomes tão estranhos, heróis, provavelmente, dos quais ouvimos falar pela primeira vez. Será que o mármore é tão barato ou será que o país é realmente tão glorioso em sua história e as pessoas tão cheias de dever cívico para com seus heróis?

Para os emigrantes de Varsóvia, há outra escala para medir o país: o mercado. Vamos ao *halies*⁶ de Pernambuco e ficamos maravilhados diante daquela maquininha que pega uma cana-de-açúcar e espreme dela um líquido escuro, adocicado, como alcaçuz. As pessoas de Varsóvia chamam a maquininha de *Wyżymaczka*.⁷ Enquanto isso, suamos tanto quanto no banco mais alto de uma sauna aquecida, durante uma aposta de quem aguentará mais tempo...

Quando o navio partiu de Pernambuco, seguindo para o sul, em direção ao Rio de Janeiro, eu conheci melhor meu conterrâneo.

Alto, moreno, visivelmente cansado, mal dormido. Um pouco “fungador”, o que harmoniza com seu nariz úmido. Ele fuma e cospe, cospe e fuma. Senta-se com as pernas esticadas e abertas e conta. Conta histórias, milagres, verdadeiros “cabelos e unhas”:⁸

— Como você veio parar aqui?
— Me perdi! (N. T.).

⁶ *Halies* refere-se a feiras, bazares ou mercados ao ar livre, onde vendedores oferecem uma variedade de produtos, geralmente alimentos frescos, roupas e outros itens do dia a dia (N. T.).

⁷ *Wyżymaczka*, em polonês, é uma máquina usada para espremer água de roupas molhadas (N. T.).

⁸ Essa expressão faz parte do rico vocabulário iídiche, uma língua que, frequentemente, usa metáforas corporais para expressar conceitos abstratos. Nesse caso, “cabelo e unha” são usados para representar algo fictício, talvez porque cabelos e unhas são partes do corpo que crescem e podem ser cortadas sem dor, simbolizando algo que pode ser facilmente descartado (N. T.).



— Sou um agente do governo francês, do Ministério das Colônias. Minha residência permanente é em Paris, “nos bulevares”... Lá está meu apartamento e, não muito longe, meu escritório. Passo dois anos em Paris e um ano em um dos países da França, para fortalecer a influência francesa entre os nativos... Agora venho da África e da Guiana Francesa, onde fiz muito pelos selvagens de lá.

Ele fala misteriosamente. A audiência ao redor está perplexa, chocada, embora, em silêncio, os emigrantes se belisquem. O oficial do navio, que entende um pouco de iídiche, ouve por um momento suas histórias salpicadas de francês. Ele faz um gesto com a mão, como quem diz:

— Conte isso para sua avó...

E meu conterrâneo não para de contar:

— Nós, eu e um amigo meu, que foi envenenado até a morte por uma picada de cobra – aqui tenho uma fotografia dele morto – entramos em uma aldeia de negros, carregados de presentes: apitos, contas, espelhos, facas, lanternas de bolso. Pedimos para sermos levados ao rei negro. Bem, sim, é preciso tapar bem o nariz no palácio do rei... Colocamos os presentes diante dele em nome do governo francês, anotamos seu nome – aqui tenho muitos nomes escritos: são tão difíceis que não consigo repeti-los de memória. Eu fotografo a corte, a aldeia,uento quantas mulheres há, fotografo algumas, – sim, vestidas, não vestidas – pego algo de suas armas e provo, por formalidade, suas comidas – se não as vomito imediatamente... Os negros, por sua vez, nos presenteiam: marfim, penas de pássaros e... mocinhas, quase crianças...

Meu conterrâneo tira de suas malas vários objetos para provar que não é mentiroso. Ele nos mostra fotografias dele vestido de branco, com um capacete característico de um explorador branco nos trópicos, com perneiras de couro, rifle e espada, entre uma multidão de negros. Meu conterrâneo diz casualmente:

— De uma das minhas aldeias.

Ele continua mostrando passaportes, autorizações, ordens, que devem dissipar as dúvidas sobre suas palavras.

Ele volta à cobra que o mordeu e a seu amigo. Seu amigo morreu. Meu conterrâneo, para a sorte da França, foi curado... Ele mostra uma fotografia onde ambos estão deitados sobre uma esteira.

Ele menciona todos os tipos de nomes da geografia exótica – “estive em todo lugar, deixei algo em todo lugar”, como Augusto, em *Vagabundos*, de Knut Hamsun.

Mas os presentes pararam de acreditar nele, embora tudo estivesse “quase”



documentado. Algo foi percebido nele. O quê? Sobre isso, ninguém tentou dar uma explicação.

Talvez suas falas profanas, com as quais ele não se constrangia nem mesmo diante de mim, seu “conterrâneo encontrado”? Mais provavelmente, no entanto, parece que era sua pobreza. Para um representante de um país tão famoso, ele era muito mendicante, embora, para isso, também tivesse uma explicação: “Ainda não chegou o salário de um ano inteiro e é provável que possa chegar justamente no navio, no meio da viagem...”.

Eu sentia pena do meu conterrâneo, que tinha de, D’us nos livre, mendigar um cigarro, um pequeno empréstimo, ora deste, ora daquele.

Nossas moças e mulheres que viajavam sozinhas se afastaram do meu conterrâneo. A viagem de Pernambuco ao Rio de Janeiro durou quatro dias. No segundo dia, depois que foi isolado por nossas mulheres, ele caiu em uma apatia indiferente...

Ele não contou mais nada e nos restou apenas a incerteza sobre a verdade de suas andanças, de suas aventuras. No entanto, ele não teve sorte conosco.

Havia entre os emigrantes um bom rapaz de Varsóvia, um assimilado, um polonês que não entendia nada das histórias de meu conterrâneo. Filho de um médico, um pequeno burguês, seu pai o mandou para o Brasil, como era comum naqueles tempos. O rapaz falava bem francês, para infelicidade do meu conterrâneo... isso o deixou completamente em desvantagem.

Quando o navio atracou no Rio de Janeiro (“o paraíso da América do Sul”, como meu amigo chamou), meu conterrâneo desapareceu sem deixar vestígios.

Esse foi meu primeiro encontro no caminho para este continente, que então tinha o nome famoso, mencionado por Sholem Aleichem em “O homem de Buenos Aires”...⁹

Meu conterrâneo desleixado e maltratado parece que se tornou um último recurso entre essas pessoas. Talvez ele já fosse um dos últimos daquela geração? Porque não

⁹ No conto “O homem de Buenos Aires”, Sholem Aleichem, de fato, não nomeia o continente, mas fornece uma descrição particular de Buenos Aires, para quem nunca esteve lá. O trecho correspondente diz: “Buenos Aires, você sabe, é um lugar como nenhum outro que D’us jamais... mas deixa pra lá! Você já esteve na América? Nem mesmo em Nova York? Ou em Londres? Não?... Talvez Madri? Constantinopla? Paris? Nenhum deles, hein? Bem, então não posso realmente descrever para você como é Buenos Aires. Tudo o que posso dizer é que é um esgoto. Inferno na terra. Mas um inferno celestial. Ou seja, é inferno para alguns e o céu para outros”. (ALEICHEM, Sholem. *Ale Verk fon Sholem Aleichem*. Nova York: Sholem Aleichem Falcon Fund: 1923. p. 71-88, tradução nossa).



encontrei mais ninguém assim...

Tradução: Gilberto Gamer**

*** Mestre em Administração de Negócios (MBA), pela Universidade de Otago, Nova Zelândia.